

Hugo Assmann: da Teologia da Libertação à Educação para a Sensibilidade.

Bruno Pucci¹, Cleiton de Oliveira² e Christine Betty³

1. Um pouco de sua vida⁴

Hugo Assmann nasceu em Venâncio Aires, RS, aos 22 de julho de 1933, fez seus estudos de Filosofia no Seminário Central de São Leopoldo (1951-1954) e de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, dos Jesuítas (1954-1958). Ordenou-se padre em 1958, em Roma. No ano letivo 1959/1960, realizou estudos de pós-graduação em Sociologia na Universität Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt am Main. Realizou, a seguir, seus estudos e pesquisas de doutorado em Teologia, obtendo o título de Doutor em 1961, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, com a tese “*A dimensão social do pecado*”. Seu orientador foi o jesuíta Joseph Fuchs, um dos teólogos influentes na renovação da Teologia Moral no contexto do Concílio Vaticano II (1962-1965). De volta ao Brasil, estabeleceu-se em Porto Alegre, onde foi vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Mont Serrat e professor de teologia no Seminário de Viamão.

Assmann foi um dos precursores da Teologia da Libertação. Num primeiro momento, sua reflexão se realizou na linha de uma Teologia do Desenvolvimento. Sobre essa temática, a partir de 1961 publicou artigos marcantes na “Revista Seminário”, que depois passou a se chamar “Ponto Homem”. Em 1968, publicou na Revista Vozes, nº 62, o artigo “Tarefa e limitações de uma teologia do desenvolvimento”. Num segundo momento sua reflexão avançou para uma Teologia da Revolução: seu livro “*Opressão-Libertação. Desafio aos cristãos*”, publicado no Uruguai, em 1971, aponta essa direção. Na Revista *Ponto Homen* [4 (1968):6- 58], publicou o artigo “Caracterização de uma Teologia da Revolução”. Don Estevão Bettencourt, no texto “Teologia da Libertação III⁵”, afirmou que: “*A mais extremada linha da Teologia da Libertação tem como*

¹ Prof. Titular do PPGE/UNIMEP. Pesquisador do CNPq e da FAPESP. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Teoria Crítica e Educação”.

² Prof. Titular e Coordenador do PPGE/UNIMEP

³ Profa. do Curso de Comunicação Social/UNIFOR. Doutoranda do PPGE/UNIMEP. Bolsista do CNPq.

⁴ Agradecemos a leitura e as correções de Jung Mo Sung sobre a vida e os escritos de Hugo Assmann.

⁵ In “*Pergunta e Responderemos*”, Ano XXV, nº 277, Nov./dez. 1984. Fonte:

<http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=ESTEVAO&id=deb0493>, consultado no dia 30/11/2008.

representante mais significativo o brasileiro Hugo Assmann; inspira o movimento “Cristãos para o Socialismo”. Num terceiro movimento, suas reflexões desembocaram na Teologia da Libertação. Hugo, na visão de Juan Tamayo⁶, “é um dos primeiros teólogos da libertação que recorreu às ciências sociais como mediação do discurso teológico para que este não caísse no idealismo⁷”. A partir do golpe de 1964, suas tensões com o conservador Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre, aumentaram significativamente; Hugo resolveu deixar a capital gaúcha, foi morar em São Paulo e começou a lecionar no Instituto de Filosofia e Teologia, IFT, no Ipiranga. Continuou seus estudos e publicações teológicas e viajou por diversos estados brasileiros, fazendo palestras e desenvolvendo cursos sobre a Teologia Latino-Americana. Hugo participou também da Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, como teólogo assessor dos bispos brasileiros, em agosto/setembro de 1968. Medellín foi um marco na igreja latino-americana, pós Vaticano II. Teve o apoio e a participação de Paulo VI, na abertura da Conferência. E os três temas fundamentais que permearam os documentos de Medellín foram: Opção pelos pobres; Teologia da Libertação; Comunidades Eclesiais de Base.

Em dezembro de 1968, com o Ato Institucional nº 5 e o conseqüente endurecimento do regime militar, Hugo resolveu deixar o país e, inicialmente, buscou refúgio na Alemanha. Já havia recebido convite dos teólogos católicos alemães Karl Rahner e Johann Baptist Metz para escrever um artigo sobre Teologia Política. Hugo escreveu o artigo em Munique e depois, pela mediação de Metz, lecionou a disciplina “Teologia Latino-Americana” na Universität de Münster, no ano letivo 1969/1970. Foi em Munique que Hugo conheceu o grande amor de sua vida, Melsene Ludwig, gaúcha de Porto Alegre, que nesse período trabalhava em Munique na British European Airways, e depois se transferiu para Münster, trabalhando na “Secretaria do Trabalho” daquele município. Mel e Hugo nunca mais se separaram. Durante 39 anos viveram juntos, trabalharam juntos, tiveram dois filhos e combateram, juntos, o bom combate da vida.

Em 1970, convidado por um amigo jesuíta, refugiou-se no Uruguai, trabalhou como pesquisador no Centro Pedro Fabro e como professor Tempo Parcial 20 horas na

⁶ Juan José Tamayo é teólogo espanhol, doutor em teologia pela Universidade de Salamanca, é diretor da cátedra de Teologia e Ciências das Religiões “Ignácio Ellacuría” da Universidade Carlos III.

⁷ Artigo publicado no Jornal espanhol *El País*, de 27/02/2008. Fonte: www.unisinos.br/ihu, consultado no dia 27/02/08

Universidad de La República de Montevideo, lecionando a disciplina “Ética social”, para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação. Mel permaneceu na Alemanha. Assmann publicou o livro *Opressão-Liberación. Desafíos a los cristianos*⁸, em Montivideo, 1971. No final de 1970, convidado pelos Padres Oblatos, se transferiu para Oruro, Bolívia, e trabalhou como teólogo e investigador, no Instituto de Pesquisa, financiado com verbas canadenses. Com o golpe de Hugo Banzer, na Bolívia, em agosto de 1971, foi obrigado a deixar Oruro e fugiu para o Chile, em plena época do governo do socialista Allende, para trabalhar com os jesuítas e no ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina, instituto ecumênico financiado pelo Conselho Mundial das Igrejas. É de lá que ele enviou um telegrama a Mel: “Estou no Chile: venha”. E a Mel chegou ao final de novembro de 1971 e trabalhou com Hugo no ISAL. Hugo também lecionou por dois anos, 1972/1973, a disciplina Comunicação Social na Universidade Católica do Chile, 20 horas semanais. No Chile ele ajudou na criação do CEREN, Centro de Estudios de La Realidad Nacional, ligado à Universidade Católica, que publicava Cuadernos de La Realidad Nacional. E lá também conheceu Franz Hinkelammert e Pablo Richard, que depois trabalharão juntos no DEI, em Costa Rica. Hugo e Mel permaneceram no Chile até pouco depois do fatídico golpe de Pinochet, aos 11 de setembro de 1973. No Chile nos deparamos com Hugo plenamente atuante na Teologia da Libertação. É de 1973 o seu livro “*Teología desde la praxis de la liberación*”, considerado por Enrique Dussel como a primeira demarcação da Teologia da Libertação⁹. É desse período também a elaboração da importante obra “*Marx, K & Engels, F. Sobre La religión*”, escrita juntamente com Reyes Mate, e publicada posteriormente, em 1979, pela Editora Sígueme, de Salamanca, Espanha. Participa, como assessor teológico, do movimento “cristãos para o socialismo”. No final de exílio do casal Assmann, em Santiago, nasceu sua filha Careimi. Felicidade e tensão, ao mesmo tempo, pois o nascimento da menina se deu três semanas após o golpe de Pinochet e logo depois, em janeiro de 1974, são obrigados a deixar o Chile e vão para São José da Costa Rica, passando pelo Peru.

⁸ “*Ensayo teológico desde la América dependiente ... onde oferece os aspectos metodológicos e sociopolíticos da teologia da libertação em relação com a praxis revolucionária* (Tamayo, www.unisinos.br/ihu, consultado no dia 27/02/08.

⁹ Segundo Jung Mo Sung, a parte fundamental desse livro, que Dussel diz ser a primeira demarcação da Teologia da Libertação, frente a outras teologias políticas, é de 1971, publicado no Uruguai pela ISAL, um pouco antes do livro de Gustavo Gutierrez, *Teologia da Libertação* (1972). Depois essa parte foi incorporada no livro de 1973.

Na Costa Rica vão permanecer durante sete anos. Hugo lecionou Comunicação na Universidad de Costa Rica, e Sociologia na Universidad Nacional, em Heredia, município vizinho da capital, de 1974 a 1980. Ao mesmo tempo participou com Mel e outros teólogos latino-americanos da fundação do DEI – Departamento Ecumênico de Investigaciones, financiado inicialmente pelo conselho Mundial das Igrejas, centro por excelência de formação pastoral, teológica para cristãos vindos de diversos países da América Latina. Pelo DEI passaram pessoas importantes: o poeta nicaraguense Ernesto Cardenal, o Arcebispo Oscar Romero, de El Salvador, o ministro Sérgio Ramires, do comando sandinista, o teólogo da libertação Gustavo Gutierrez, o filósofo da libertação Enrique Dussel. Hugo e Mel tiveram o prazer de hospedar em sua casa, dentre outros, Lula, Frei Betto, Paulo Freire, Hélio Bicudo. Hugo, além de suas atividades específicas como professor nas duas universidades e seus cursos no DEI, viajou várias vezes a Cuba, a Manágua, ao México, aos EUA e à Europa, dando cursos e conferências sobre suas pesquisas teológicas. Antes, porém, de iniciar a sua incursão teórica pelos meandros religiosos do mercado Assmann publicou, juntamente com Theotônio dos Santos, Noam Chomsky, Franz Hinkelammert e outros intelectuais o livro, “*Carter y la lógica del Imperialismo*” (em dois volumes, Costa Rica, 1978), que foi traduzido em várias línguas, e publicado pela Vozes, 1986, com o nome “*A trilateral. A nova fase do capitalismo mundial*”. Ajudou a fundar a Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, EATWOT, em agosto de 1976. E continua a levar adiante “a importante e inovadora reflexão teológica sobre a Economia” e, junto com Franz Hinkelammert, ex-seminarista e economista, escreveu a importante obra “*A idolatria do mercado: um ensaio sobre economia e teologia*” (publicada pela Vozes, em 1989). Relacionado a essa temática, Hugo publica outras obras: “*Clamor dos pobres e ‘racionalidade econômica’*” (publicada pela Editora São Paulo, 1990), “*Crítica à lógica da exclusão. Ensaio sobre economia e teologia*” (publicada pela Editora São Paulo, 1994). Em 1975, o casal Assmann teve seu segundo filho, o Eremin.

É do teólogo Assmann a pertinente reflexão que caracterizava bem a densidade e o engajamento de sua teologia: “*Se a situação histórica de dependência e dominação de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões anuais de mortos de fome e desnutrição, não se converte no ponto de partida de qualquer teologia cristã hoje, mesmo nos países ricos e dominadores, a teologia não poderá situar e concretizar historicamente seus temas fundamentais. Suas perguntas não serão perguntais reais.*”

Passarão ao lado do homem real” (do livro *Teologia desde La práxis de La liberación*, 1973).

Em 1981, a convite do prof. Elias Boaventura, então reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, Hugo e Mel voltaram ao Brasil – a anistia tinha se dado pouco tempo antes – e iniciaram seu trabalho na UNIMEP: Hugo como professor de Sociologia e Comunicação e Mel em atividades de secretaria. Hugo e Mel participaram da criação da Editora da UNIMEP no início do ano 1981, sendo ele seu primeiro editor. Entre as primeiras obras editadas está o livro de Enrique Dussel “*A Filosofia da Libertação*” (em co-edição com a Loyola), 1982, e a tese de doutorado de Bruno Pucci, “*A Nova Práxis Educacional da Igreja: 1968-1979*” (em co-edição com as Paulinas), 1984. Hugo fez parte também do Conselho de Política Editorial da UNIMEP, responsável pela criação da *Impulso*, nos anos 1987, que surgia como uma revista para apoiar a constituição da Pós-Graduação na UNIMEP, estabelecendo espaço editorial para o debate das questões que norteavam, no momento, a área de Educação¹⁰.

Hugo iniciou suas atividades no Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGE, no ainda no ano de 1981, participando, em dezembro desse mesmo ano da banca de defesa da 12ª dissertação do PPGE/UNIMEP, defendida por Antônio Geraldo de Aguiar. Orientou 43 dissertações de mestrado e 11 teses de doutorado. Sua primeira orientanda de mestrado foi Jane de Oliveira, que iniciou o curso em março de 1983 e defendeu sua dissertação em novembro de 1985. Seu primeiro orientando de doutorado foi Laerthe de Moraes Abreu Junior, que iniciou o curso em março de 1993 e defendeu sua tese em novembro de 1995. Assmann foi também o primeiro professor da UNIMEP a orientar estudos de Pós-Doutorado, tendo como orientando Jung Mo Sung, que apresentou seu trabalho final em 1999. Do diálogo entre orientador e orientando deste Pós-Doutorado foi construído o livro *Competência e Sensibilidade solidária: Educar para a Esperança*, editado pela Vozes (2000). Nas décadas de 1980 e de 1990, até 1994, predominaram, nas publicações de Hugo, artigos, livros e capítulos de livros sobre questões relacionadas à teologia. A partir do ano 1994, já mais integrado nas atividades da Pós-Graduação em Educação, Hugo produziu textos sobre os paradigmas educacionais e a questão da corporeidade. Desde o ano 1997, suas pesquisas se direcionaram prioritariamente para questões educacionais no interior da Sociedade do Conhecimento,

¹⁰ Cf. Editorial da *Impulso* nº 34, vol. 14, de 2003.

que o acompanharam até o final do ano 2005, quando encerrou suas atividades no PPGE, por problemas de saúde. Hugo se utilizou constantemente, nos últimos dez anos de sua produção científica, das contribuições de Edgar Morin e de sua teoria da complexidade. Sua publicação mais importante no terreno da comunicação foi “*A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*”(Vozes, 1986), onde analisou o caráter ideológico dos programas radiofônicos e televisivos controlados pelos tele-pregadores norte-americanos e suas repercussões nos movimentos pentecostais latino-americanos. Os livros educacionais de Hugo mais conhecidos são: “*Paradigmas Educacionais e Corporeidade*” (1994), editado pela Editora da UNIMEP, 3 edições; “*Metáforas Novas para Reencantar a Educação: epistemologia e didática*” (1996), Editora da UNIMEP, 3ª edição, em 2001; “*Reencantar e Educação: rumo à sociedade aprendente*” (1998), Editora Vozes, 10ª edição, em 2007. Este livro, com o título “*Placer y Ternura en la Educación - Hacia una sociedad aprendiente*”, foi publicado na Espanha, em 2002; “*Competência e Sensibilidade solidária: Educar para a Esperança*”, em co-autoria com Jung Mo Sung, (2000), Editora Vozes, 4 edições; “*Curiosidade e Prazer de Aprender. O papel da curiosidade na aprendizagem criativa*”(2004), Editora Vozes, 3 edições (também já traduzido ao espanhol). “*Redes digitais e metamorfoses do aprender*”, em co-autoria com: Rosana Pereira Lopes, Rosemeire Carvalho do Amaral Delcin, Gilberto Canto e Getúlio de Souza Nunes (2005).

Enquanto gozava de boa saúde, nos anos 1998 a 2003, fez diversas conferências sobre educação, sobretudo nos estados do sul, com a presença de um número significativo de ouvintes. Segundo Almir Maia, ex-Reitor da UNIMEP, “*Hugo, considerado intelectual à frente de seu tempo, era referência internacional na área da teologia e educação e um dos acadêmicos do mais alto nível ... foi referência para a instituição, pelo seu desenvolvimento acadêmico e científico na área da Educação. ... Hugo trouxe prestígio à UNIMEP, que começava a se afirmar na área acadêmica*¹¹”.

Hugo Assmann faleceu sexta-feira, 22 de fevereiro de 2008, às 04:00 horas, em São Paulo, no hospital onde estava internado. Segundo Jung, “*seu rim já não estava mais funcionando, os pulmões estavam comprometidos. Ele pediu um copo de água para enfermeira e quando ela voltou com a água, ele já não estava mais entre nós*”. Nas palavras de Ester Grossi, ex-deputada federal pelo PT e paroquiana sua em Mont Serrat,

¹¹ In <http://www.oraetlabora.com.br/novo/index2.php?ctq=17&nt=362>, consultado no dia 30/10/2008.

Porto Alegre, “A personalidade do Hugo era muito rica e penso que o certo é que diante da presença dele ninguém ficava indiferente: ou se ficava a favor ou se ficava contra¹²”. De acordo com Antônio Cecchin, ex-diretor do colégio Marista de São Leopoldo, assessor da CNBB, “Hugo Assmann foi um autor que marcou a vida acadêmica dos anos 1960 a 1980, especialmente os que eram da área de Filosofia e Teologia. Agudo, sempre antenado com as grandes questões destas décadas, os seus livros eram disputados, pois era difícil consegui-los no auge das ditaduras militares. Era preciso consegui-los na Espanha, onde a Editora Sígueme os editava¹³”.

2. Produção Científica:

José Carlos Veloso Junior¹⁴ divide as obras de Hugo Assmann em três fases:

1. Teológica:

- «Tarefa e limitações de uma teologia do desenvolvimento», *Vozes* 62 (1968);
- *Teología de la liberación*, Montevideo 1970;
- «La situazione dei paesi sottosviluppati come campo per una teologia della rivoluzione». in R. Gibellini, ed., *Dibattito sulla teologia della rivoluzione*, Brescia (1971)
- *Opresión-liberación. Desafío de los cristianos*, Montevideo 1971;
- *Teología desde la praxis de la liberación* (1973);
- *Teología de la liberación*, Salamanca (1974);
- *Marx, K & Engels, F., Sobre la religión* (1979);

2. Crítica teológica à Economia:

- *A trilateral. A nova fase do capitalismo mundial*, Vozes (1986). Em co-autoria com Theotonio dos Santos, Noam Chomsky, Franz Hinkelammert e outros;
- *A idolatria do mercado. Um ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes (1989). Em co-autoria com F. Hinkelammert;
- *Clamor dos pobres e “racionalidade” econômica*, São Paulo (1990);
- *Desafios e falácias. Ensaio sobre a conjuntura atual*. São Paulo (1991);
- *Crítica à lógica da exclusão. Ensaio sobre economia e teologia*. São Paulo (1994);

¹² In Instituto Humanitas UNISINOS, IHU. Consultado em 30/11/2008. Ver:

http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_entrevistas&Itemid=29&task=entrevista&id=12573

¹³ In

http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=907&id_edicao=277. Consultado no dia 30/11/2008.

¹⁴ Extraído do artigo, “A Teologia no Brasil”, consultado no dia 30/11/2008. Ver:

http://www.cienciaefe.org.br/OnLine/producao/pe_jose_carlos_veloso/teologia_no_brasil_a.htm.

3. Pedagógica:

- *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*". Editora da UNIMEP ((1994);
- *Metáforas Novas para Reencantar a Educação: epistemologia e didática*". Editora de UNIMEP (1996)
- *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Vozes (2003);
- *Competência e Sensibilidade solidária: Educar para a Esperança*. Vozes (2000); em co-autoria com Jung Mo Sung;
- *Redes digitais e metamorfoses do aprender*. Vozes (2005); em co-autoria com: Rosana Pereira Lopes, Rosemeire Carvalho do Amaral Delcin, Gilberto Canto e Getúlio de Souza Nunes;
- *Curiosidade e Prazer de Aprender. O papel da curiosidade na aprendizagem criativa*". Vozes (2004).

3. Entrevista com Melsene Ludwig, sua esposa e mãe de seus filhos (06/11/08)

Cleiton (C.) – *Mel, obrigado por você ter aceito o convite para conversarmos sobre o Hugo. Queremos conhecer um pouco mais nosso companheiro de trabalho que nos deixou em fevereiro último, mas cuja presença e lembrança permanecem entre nós, professores e alunos do PPGE/UNIMEP. Vamos falar inicialmente sobre sua infância, sobre seu período de formação.*

Melsene (M.) – Sobre seu tempo de formação, não existe mais nada escrito, inclusive o diploma de doutorado dele, tudo foi perdido num incêndio que queimou a casinha em que morava, em Porto Alegre. Então essas coisas não existem mais. A infância dele foi no interior de Venâncio Aires. Nós até visitamos a cidade, antes dele ter o AVC. Fomos de carro a Santa Cruz do Sul, depois a Venâncio Aires; mas é entre Santa Cruz do Sul e Venâncio, lá no meio, numa estradinha de terra, onde ele foi criado, passou a infância. O pai dele lá era professor numa escolinha. Depois ele foi enviado para o seminário e aí começou a estudar.

Bruno (B.): *Quantos anos ele tinha quando entrou no seminário?*

Doze anos. Um pouco mais tarde do que normalmente entravam. Depois ele estudou em São Leopoldo, depois foi enviado para Roma. Inclusive eu tenho uma foto

dele e dos que foram para Roma, juntos, todo o grupo. Isso eu tenho na internet, eu vou lhes mandar a foto. Hugo se ordenou padre em Roma.

B.: Ele era secular ou pertencia a alguma congregação religiosa?

Ele era do clero secular. E o bispo dele era o famoso Dom Vicente Scherer. Ele fez o doutorado em Roma e o seu orientador de doutorado era um jesuíta, o Joseph Fuchs. Na última vez em que fomos à Europa fomos visitá-lo. Ele ainda estava vivo. Ficou emocionadíssimo com a visita.

B. Em que ano?

Acho que foi em 1994. Faz bastante tempo já. E ele era vivo ainda, bem velhinho, aposentado, mas ainda estava em Roma e meio desgostoso, porque queriam mandá-lo para Alemanha, para o pensionato dos idosos e ele ainda não se sentia pronto para isso, ele estava bastante bem ainda. Sei que conversamos horas com ele, ele ficou tão entusiasmado e me acolheu também com um carinho muito grande. Ele era alemão, então o Hugo fez, inclusive, a tese dele em alemão, a tese de doutorado.

C.: E o alemão ele aprendeu na infância, com a família?

Sim. Ele já falava alemão no Brasil, então ele aperfeiçoou. Depois fez também estudos em Frankfurt, ele fez mestrado em comunicação.

B.: Ele foi aluno do Habermas. Você sabe se ele teve aula com Adorno ou Horkheimer?

Ele teve contato com esse pessoal em Frankfurt na época.

C.: Então espera um pouco. Primeiro ele estava em Roma.

Primeiro ele estava em Roma e fez o doutorado. Quando ele voltou...

B.: Quando ele se ordena padre? Foi depois que voltou de Roma?

Não. Foi lá em Roma. Ele foi ordenado em Roma. Aí ele volta, assume a paróquia do Mont Serrat em Porto Alegre. Foi ele que construiu a igreja que está lá até hoje. É uma igreja em forma de leque. Eu já visitei. E foi onde ele conheceu a Ester Grossi e uma turma de pessoas mais intelectuais que eram moradores dali e que ajudaram a consolidar a paróquia.

B.: Dizem que ele lá andava de lambreta?

É ele andava de lambreta. E ele morava lá mais no "baixão", nas casinhas mais simplesinhas. Ele começou a construir a igreja; não chegou a terminar. ... naquela época a única idéia do bispo era construir igrejas. Aí ele começou a dar aulas e a enveredar mais para a esquerda.

B. Em que ano?

Antes do golpe. Começo dos anos 1960. Eu sei que ele começou a dar aulas em São Leopoldo também. E como tinha idéias progressistas, já não foi muito bem visto pelo bispo; ele começou também a escrever coisas a respeito da pastoral; essas primeiras coisas que escreveu, queimou tudo, queimou todo o acervo de livros que ele tinha. Eu não sei todos os detalhes. Eu sei que o bispo começou a encrencar com ele porque ele começou a ir muito pro lado da esquerda.

B.: Dom Vicente Scherer era bem conservador?

Era ultra, ultraconservador. Terrível, ele era terrível, terrível. Uma quantidade enorme de padres lá de Porto Alegre saiu por causa dele, porque ninguém o agüentava. Ele era extremista de direita, era muito duro. Depois Hugo participou da fundação de uma associação de empregadas domésticas, no sentido de regularizar a profissão. E por isso ele teve um IPM – Inquérito Policial Militar. Um dos IPMs dele foi por causa disso.

C. Por quê? Ele teve mais de um?

Teve outro por ser de um partido de esquerda. Não sei de qual. Não me lembro mais.

B. Isso tudo em Porto Alegre?

Tudo em Porto Alegre, entre 64 e 68. Depois de 1968, os IPMs foram retomados contra ele. Mas logo já antes de 64 ele estava em situação difícil em Porto Alegre, foi para São Paulo e começou a lecionar naquele instituto onde todas as ordens estudavam, os dominicanos ... Como é que chamava? ... Era o IFT – Instituto de Filosofia e Teologia. Ele foi professor lá, em São Paulo, onde conheceu os dominicanos. Então quando aconteceu o golpe ele já estava em São Paulo.

B.: Ele conheceu aí Frei Betto?

Frei Betto, Frei Gorgulho, Frei Roberto Romano, toda essa turma ele conheceu aí. Ele tinha bastante contato com os dominicanos, no convento.

B.: Oh! Mel só para você ter uma idéia: em 1968 eu fiz um curso de pastoral litúrgica, no Rio de Janeiro, e a maioria do pessoal que lecionava no curso e que participava como aluno era ligada à Teologia da Libertação e o Hugo deu uma semana de aula nesse curso. No segundo semestre de 1968.

E no final de 1968 ele foi embora. ... Era mesmo IFT, em São Paulo; inclusive a freira, diretora da escola em cuja capela foi rezada a missa de sétimo dia do Hugo, tinha sido aluna dele nesse instituto.

C. Você se lembra de mais algum fato marcante?

No final de 1968, quando foi instituído o AI 5, aí retomaram todos os IPMs contra o Hugo; então ele foi chamado para ir depor; e, nessa situação ele foi embora para a Alemanha, via Paraguai, eu acho. Não sei se ele saiu via Argentina. Sei que saiu clandestinamente.

C.: Ele chegou a depor?

Não, ele foi chamado e aí, como estavam prendendo todo mundo, com o endurecimento total de 1968, ele foi para a Alemanha. Ele já havia recebido um convite para escrever um artigo para uma revista teológica, um artigo sobre teologia política, um convite de Metz (Johann Baptist Metz) e Rahner (Karl Rahner); ele traduziu vários livros de Rahner. Metz o convidou para lecionar um semestre em Münster, na faculdade teológica. Então, primeiro ele ficou meio ano, em Munique, escrevendo o tal do artigo, junto com outro teólogo, que foi publicado. E foi ali que eu o conheci, em Munique. Porque lá havia um restaurante em que os brasileiros se reuniam às quintas de noite e ele aparecia lá também. E a gente se conheceu lá.

B.: E você fazia o que, Mel?

Eu trabalhava lá numa companhia de aviação.

C.: Você era aeromoça?

Não. Eu trabalhava em terra na British Airways que fazia os vôos internos. Naquele tempo existia a cortina de ferro e para Berlim só voavam companhias estrangeiras, a Lufthansa não podia voar para lá. Voava a British European Airways, voava a Pan American e voava a Air France, essas três companhias, para Berlim. Depois eu fui para Münster, consegui um emprego melhor na secretaria de trabalho por causa dos idiomas e passamos aquele tempo em Münster ainda.

B.: E você vem de onde? Você é gaucha também?

Eu sou gaucha. Sou de Porto Alegre e fui conhecer o Hugo na Alemanha.

C.: Em que época isso?

Em 1969.

B.: E você já estava lá há mais tempo?

Eu estava. Estava desde 1963. Eu passei sete anos na Alemanha.

B.: Você tinha feito algum curso, ou era mais porque sabia a língua?

Não. Eu já sabia a língua e antes já havia trabalhado como correspondente; na companhia de aviação eu consegui emprego com facilidade, porque falava bem inglês, falava outros idiomas, falava bem alemão. Eu trabalhava em terra, fiz cursos em Londres. Depois fui trabalhar na Secretaria de Trabalho, na Alemanha; naquela época havia muitos trabalhadores estrangeiros, mais de dois milhões entre iugoslavos, turcos, gregos, portugueses, espanhóis e ninguém falava o português, nem o espanhol na Secretaria de Trabalho. Chegavam trens cheios de trabalhadores, para serem distribuídos entre as indústrias e eu ia para a estação de trem recebê-los e falar com eles; quem tinha perguntas, para se comunicar quando chegavam; se tinham algum problema; eu ficava ali de tradutora.

B.: Você tinha quantos anos nessa época?

Trinta e pouco. Depois o Hugo saiu de lá, depois de ter lecionado um semestre, ele foi primeiro para o Uruguai.

C.: Ah! De lá ele vem pro Uruguai?

É para o Uruguai. Ele tinha sido convidado pelo teólogo Juan Luiz Segundo para trabalhar com ele no Centro Pedro Fabro, um instituto jesuíta de pesquisas. Então ele trabalhou no Centro e também dava aulas numa universidade em Montevidéu. Nunca recebeu um centavo por nada; não pagavam, não tinham dinheiro; naquela época eram difíceis as coisas. Anos 1970.

C.: E ele ficou tempo no Uruguai?

Ficou quase um ano; aí ele foi convidado por um Instituto de Pesquisa dos padres Oblatos, em Oruro, na Bolívia, pois naquela época ele já participava da teologia da libertação, tinha já livros escritos; saiu o primeiro livro e pouco depois saiu o livro do Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, para o qual ele fez o prólogo.

B.: E você veio junto com ele da Alemanha?

Não eu fiquei por lá. Aí a gente se correspondia constantemente. Ele foi pra Bolívia por convite desse Centro de pesquisa dos Oblatos, eu não me lembro como se chamava, em Oruro. Eles faziam pesquisa sobre a religiosidade dos mineiros, pois lá tinham grandes minas de estanho. Aí veio o golpe de Banzer, na Bolívia. O Hugo tinha estado um pouco antes em Santa Cruz de La Sierra, num grande encontro de teólogos

e aí ele participou também em Medellín, do Congresso de Medellín. Ele participou redigindo documentos; foi um dos padres teólogos que ficavam na retaguarda e os bispos iam se consultar com eles. Assim funcionou naquela época. Bom! Isso tudo foi antes de eu conhecê-lo. Isso eu sei sempre só por relatos, mas também em artigos apareceram relatos sobre a participação dele em Medellín. Até Juan Tamayo¹⁵, em artigo recente por ocasião de sua morte, mencionou também a participação dele em Medellín.

C.: Quem?

O Juan, no El Pais de Madrid ou também, você tem aquele artigo que saiu em Londres? Do James Mathews¹⁶?

C.: Não.

Eu vou te mandar por e-mail. É um teólogo que escreveu um artigo também muito interessante sobre a morte do Hugo. Foi publicado no *Times* de Londres. Ele telefonou para nós, em português. Ele estudou português em Portugal, pelo sotaque, e falava bastante bem nossa língua. Escreveu um artigo muito bonito. Eu vou te mandar.

C.: Vamos voltar um pouco para cá. Ele estava na Bolívia...

Ele estava na Bolívia naquele instituto e a gente sempre se correspondia, com a idéia de que eu iria para lá.

B.: E ele já estava apaixonado?

Estava, estava.

B.: E vice-versa?

É isso também já estava claro e a gente também já não era mais criança. Já tínhamos bem mais de trinta anos os dois. Depois veio o Golpe de Banzer; ele um tempo antes tinha estado em Santa Cruz de La Sierra, em um encontro, e notara que a cidade estava cheia de militares brasileiros. E uma noite, junto com colegas, estavam voltando de um restaurante para o alojamento, caminhando à beira de uma estrada e uma moto investiu contra ele por trás e pegou-o bem no cóccix, afundando-o, quebrou-lhe a perna, e deixou-o desacordado, porque foi uma batida muito forte. Eles

¹⁵ Juan José Tamayo, “Da teologia da libertação à educação para a esperança”, *El Pais*, 27/02/2008. Ver www.unisinos.br/ihu, consultado no dia 27/02/08.

¹⁶ James Mathews, Hugo Assmann: Brazilian Catholic pioneer of liberation theology who accused the Latin-American Church of isolating itself from the poor, *The Times*, London, march 11, 2008.

acharam que foi um atentado, pois foi muito estranho; e o cara que o atingiu estava com alguém na garupa; foi uma coisa que não ficou esclarecida. Estavam bêbados ou não estavam? Ninguém soube explicar. Naquela época era tudo tão misturado que ninguém nunca ficou sabendo exatamente o que foi. Então ele estava assim meio ruinzinho. Isso foi umas semanas antes. Ele teve ainda uma apendicite aguda e foi operado de emergência. E veio o golpe. Estavam todos os padres, ele, todos no Centro reunidos lá em Ururu para resolver o que iam fazer e vieram os soldados, entraram e já começaram a ameaçar de morte. Começaram a atirar as máquinas de escrever pelas janelas aí apareceu um superior, alguém com uma graduação um pouco mais alta, entrou e disse: – “Não, parem, parem com isso. Vamos parar”. E voltando-se para os padres: – “Oh! Vocês peguem suas coisas e saiam daqui. Só saiam daqui. Não vai lhes acontecer nada”. Aquele policial, de nível superior, estava mais consciente; acho que ele sabia que os presentes eram padres. Então, acho que ele também se assustou. E os padres pegaram as coisas e puderam sair. E o Hugo mais outro padre e o motorista, pegaram uma camionete dos Oblatos e fugiram pelo altiplano e o Hugo foi parar no Chile, em Iquique. E o cara conhecia todo o altiplano. Foram mais para o norte do Chile; e o Hugo, recém operado, com parte da ferida infeccionada, pois tinham que ter deixado um dreno e não deixaram. Ele chegou a Santiago do Chile com um abscesso e foi parar no hospital para drenar. Com isso ele melhorou. Aí ele escreveu: “Estou no Chile. Venha”. Eu comprei uma passagem de navio, que era mais barato para poder trazer todas as minhas tralhas e eu fui para o Chile.

B.: Você estava onde na ocasião?

Eu estava em Münster. Fui até Gênova de trem e lá peguei o navio.

C.: O navio veio por onde?

O navio atracava em Cannes, Barcelona, Lisboa, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires. O Hugo foi me esperar em Buenos Aires e nós fomos de trem para o Chile. Atravessamos a cordilheira. Legal a viagem. Isso foi em novembro de 1971. Cheguei ao Chile, em novembro de 1971.

C.: Bom! Também era um período de efervescência no Chile, não era?

Lógico. Tempo de Allende.

B.: E no Chile o que o Hugo fazia lá?

Ele estava trabalhando com os jesuítas e também dava aulas na Universidade Católica e no ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), que era um instituto ecumênico, financiado pelo Conselho Mundial de Igrejas, e a gente trabalhava lá. Havia um Centro, com escritório. Faziam publicações, revistas e ali se trabalhava com as pastorais e também se faziam coisas referentes à Páscoa, ao Natal.

C.: Isso em Santiago?

Em Santiago do Chile.

C.: Iquique foi só a passagem?

Em Iquique ele passou para ir a Santiago, onde ele já tinha contatos. Sempre teve. Com os padres todos, com esse pessoal mais à esquerda. Ele tinha contatos na América Latina inteira por causa da questão da teologia latino-americana, de Medellín.

C.: Mel, e em que ano?

A Conferência Episcopal de Medellín, Colômbia, se deu em agosto e setembro de 1968, antes ainda de o Hugo ir para a Alemanha.

B.: A Conferência de Medellín vai se tornar um dos suportes teológicos fundamentais para o setor progressista das Igrejas cristãs na América Latina, com a teologia da libertação.

C.: Vamos voltar para Santiago.

Em Santiago, e em todo o Chile havia grande efervescência.

B.: E você já estava lá?

Já. Trabalhava junto com o Hugo, no Centro. Fazia correspondência, datilografava documentos.

C.: E vocês ficam até quando lá?

Ficamos até quinze de novembro de 1973. Careimi nasceu no dia primeiro de outubro de 73. Lá no Chile, em Santiago. Ela nasceu três semanas depois do golpe.

C.: Dizem que havia falta de tudo, leite? Eles boicotavam? Você teve dificuldade?

Olha. Claro. O pessoal contra o Allende, antes do golpe, começou a esconder toda a mercadoria. Escondiam tudo. Era fila para óleo, fila para isso, para aquilo. Era bem complicado. E depois do Golpe apareceu tudo. Estava tudo lá. Não é que tinha falta. Estava tudo escondido.

C.: O Golpe foi em setembro e vocês ficam até quando?

Foi 11 de setembro e ficamos até 15 de novembro.

B.: Vocês sentiam perseguição por parte deles?

Não, porque como a gente trabalhava com o Conselho Mundial de Igrejas ... No dia do nascimento da Careimi, primeiro de outubro, havia uma comissão do Conselho Mundial de Igrejas, que veio tratar das questões de imigração, de refugiados, de direitos humanos. Estavam em reunião em casa. E a gente tinha feito um jantar. E ela nasceu naquela noite. Estava tudo mundo lá em casa e eu entrei em trabalho de parto e tive que sair correndo para o hospital porque a partir das dez da noite ninguém saía mais para a rua. Tinha toque de recolher. Então foi essa lembrança que guardei. Que eles estavam lá para formar as casas de refúgio, pois começaram assim: grandes conventos, escolas que não eram tão usadas, seminários. Foi tudo feito casa de refúgio, com bandeira da ONU, e o Conselho Mundial entrou nisso, também, para proteger as pessoas. E lá dentro, nenhum policial, nenhum militar podia entrar. Isso foi feito em diversos lugares, em Santiago, para proteger as pessoas.

C.: Não eram somente as embaixadas?

Também. As embaixadas, por exemplo, a do Panamá, tinha um apartamento com quase cem pessoas lá dentro. Era um lugar com poucos quartos, era um apartamento. Então tinham coisas assim, absurdas. E quando levavam alguma pessoa para esses lugares, os carros tinham que levar a bandeira branca e ninguém podia tocar; mas era assim, os caras observavam todo mundo que entrava nessas casas. Era um controle terrível. E eles matavam gente. Todos os dias, a gente ia para a beira do rio e lá havia muitos mortos. Tinha muita gente baleada. E no estádio nacional, sem falar naquilo. Ali morreu brasileiro que ninguém sabia por que, morreu só porque era brasileiro ... Quem era estrangeiro estava na mira, na mira dos militares. E o Hugo começou a trabalhar nessa Comissão com o Conselho Mundial de Igrejas, e um dia um tal de Major Merrik, deste nome eu me lembro até hoje, falou para ele “- Olha, o senhor está na próxima lista”. Um monte de gente começou a ficar nas listas, estrangeiros como o Franz Hinkelammert ... e muitos outros.

B.: Ele estava lá?

Estava.

B.: Eles escreveram juntos?

Sim, depois, quando foi fundado o Centro na Costa Rica. Isso, depois, não é? Então o major disse “- Apronte suas coisas porque você está na lista”. Avisando já para

a gente se preparar. Então a gente preparou as malinhas. E, por sorte, antes até da Careimi nascer, antes do Golpe, um professor de Comunicação da Universidade da Costa Rica tinha estado lá em casa e convidou o Hugo. “- Porque que você não vem dar aulas lá com a gente, em Costa Rica?”. Ele era o diretor da Comunicação. Porque a gente estava escrevendo dois livros marxistas sobre a religião, era Marx e Engels sobre a religião e depois também, os outros marxistas e a religião.

B.: Você participava das atividades junto com ele?

Sim. Eu trabalhava junto com o Hugo. Aí então o Javier Solis, padre, também e jornalista – era dono de um jornal de esquerda, em Costa Rica, que durou muitos anos – esteve em casa e nos convidou para ir para lá. E esse convite ficou no ar. Quando veio o golpe no Chile e a gente teve que sair, o Hugo entrou em contato com ele. E nós fomos primeiro para Lima, Peru, pois outros amigos nossos já tinham ido para lá. A gente se encontrou lá.

C.: Saíram legalmente?

Saímos legalmente. Nós tínhamos nosso passaporte. A Careimi tinha o passaportinho dela, já chileno. Saímos normalmente.

B.: O Dussel, da Filosofia da Libertação, estava no Peru, não? Ou ele é argentino?

Não, ele é argentino.

B.: Mas o Hugo já o conhecia nesse período?

Eu acho que o Hugo já o conhecia. É porque esse pessoal de esquerda se conhecia entre si. Um lia as coisas do outro. Na época havia uma efervescência enorme, coisas da esquerda, no Chile, na Argentina também. A Bolívia já tinha caído com o golpe. E agora, o Chile. Então, os países próximos que apresentavam alguma perspectiva eram Peru e Argentina. Era o eixo que ainda apresentava para nós condições de vida.

C.: Vocês foram para o Peru?

Fomos para poder entrar em contato com Costa Rica, porque do Chile você já não podia mais entrar em contato com ninguém. Então de lá Hugo mandou um telegrama para o Javier Solis contando a situação e perguntando sobre o convite feito. E ele pronto respondeu: “-Venham. Está aberta a porta aqui”. Ficamos um mês e meio no Peru.

C.: A menina era bebezinho ainda?

Era, tinha um mês e meio.

C.: Que difícil! Não é, Mel, você viajando com um bebezinho ainda?

E só com a roupa do corpo.

C.: E no Peru vocês ficaram em algum convento?

Não, primeiro nós ficamos uns dias num hotel e depois alugamos uma casinha, fora de Lima, porque em Lima era muito horrível o ar; a gente não conseguia respirar direito; era muito nevoeiro.

B.: É muito alto?

Não, é mais ou menos à beira mar, mas sempre tem nevoeiro. Por causa da corrente de Humboldt sempre tem nevoeiro, você nunca vê céu azul em Lima. Então subimos um pouquinho pela encosta da Cordilheira. Há Chosica e Chaclacayo: são duas cidadezinhas, bem bonitinhas. Alugamos um apartamento pequeno em Chaclacayo. Era dentro de uma casa mesmo, tinha um apartamentinho à parte. Pessoal muito legal, até. Ficamos até chegar a resposta. E aí nós fomos embora, saímos em janeiro de 1974 e fomos para São José da Costa Rica. O Hugo já em fevereiro começou a lecionar na Universidade da Costa Rica e na Universidade Nacional; ele foi catedrático nas duas Universidades.

B.: A Universidade da Costa Rica era estatal?

As duas eram estatais.

C.: As duas em São José?

Não, a Universidade de Costa Rica em São José, a Universidade Nacional em Heredia, outra cidadezinha ali perto, quinze a vinte minutos de carro.

C.: E lá vocês ficaram bastante tempo lá?

Ficamos sete anos e o Eremin nasceu lá, em 1975.

B.: E o Hugo lecionava o que?

Principalmente Comunicação na Universidade da Costa Rica. Lecionava Ciência da Comunicação, Sociologia da Comunicação. Depois, em Heredia, ele foi até diretor da Faculdade de Sociologia; ali era mais a parte sociológica.

C.: Isso vai até?

Até 1981. Em fevereiro de 1981 nós viemos para cá.

B.: Espera aí, mas aí tem muita coisa. Esse momento em que ele está na Costa Rica é um momento de muita luta política, de efervescência, a luta sandinista?

É toda, toda a guerra sandinista.

B.: Eu queria que você falasse um pouco disso. E você o que você fazia? Além de cuidar das crianças?

Eu trabalhava no DEI – *Departamento Ecumênico de Investigaciones*¹⁷, que foi fundado pelo Hugo, juntamente com o Pablo Richard – que também era um padre que fugiu do Chile –, com o Franz Hinkelammert, Arnoldo Mora, José Duque e Elza Tamez, com o Javier Solis e outros teólogos latino-americanos, quase todos ex-padres. A gente fundou o DEI, que começou a publicar livros, começou a ficar importante, a promover cursos de pastoral; então vinha gente da América Latina inteira fazer os cursos de três meses de duração ministrados lá.

B.: Você participava lá também?

Participava. Eu trabalhava no escritório, na datilografia, fazendo o trabalho de secretaria. Sempre trabalhei junto com o Hugo. As crianças eram pequenas, mas depois que ficaram maiorzinhos, eles iam para a escolinha e eu tinha uma auxiliar que vinha todos os dias fazer as coisas da casa. Então eu podia sair para trabalhar, as condições lá eram razoáveis. A gente se dava bastante bem lá, porque os professores recebiam um salário decente; dava para viver razoavelmente.

B.: É verdade que o Hugo andava muito de lambreta?

Ele tinha uma lambreta. É porque ele nunca dirigiu. Eu tinha um carro.

C.: Ele nunca dirigiu? Nem aqui?

Não. Carro ele nunca dirigiu. Era eu quem dirigia.

C.: E na lambreta ia bem?

Na lambreta ele ia bem. É a sensação de espaço dele. No carro ele se perdia, porque no carro você tem que ter uma sensação de espaço do carro. Ele ia para Heredia com sua lambreta.

B.: O DEI, esse centro de documentação, era ecumênico?

Ecumênico. Ali tinha católicos e protestantes trabalhando. E também tinha financiamento do Conselho Mundial de Igrejas.

B.: Você se lembra do testemunho do Geoval, no culto que fizemos pela passagem do Hugo?

¹⁷ Espaço privilegiado de diálogo rigoroso e crítico entre os teólogos da libertação e cientistas sociais (Tamayo, www.unisinos.br/ihu, consultado no dia 27/02/08).

É o Geoval, ele aparecia lá.

B.: Ele que falou que o Hugo andava de lambreta.

É ele andava de lambreta. E então, lá ele trabalhava com o Dussel. Sempre ele teve bom relacionamento com teólogos e filósofos da Libertação. Lá no DEI circulava gente. Oscar Romero¹⁸ ia para lá, para o DEI.

B.: O Ivan Illich¹⁹?

Não porque o Ivan estava no México. Ele agia mais sozinho, mais individualmente, se recordo.

C.: Mas ele tinha amizade também?

O Hugo o conhecia e o apreciava também. O Gustavo Gutiérrez, também da Teologia da Libertação, apareceu no DEI.

B.: Os grandes intelectuais da teologia da libertação, todos, apareciam por lá. Não é?

É. Sem falar em Ernesto Cardenal²⁰, Fernando Cardenal. Há muita história nas ações do DEI. O Lula apareceu lá, na Costa Rica.

B.: Em que ano?

No primeiro aniversário da revolução sandinista, em 1980. Ele tinha saído da prisão; obteve licença para viajar como convidado para participar dos festejos da vitória sandinista, em Manágua, e ele veio com Frei Betto e mais dois jornalistas. O Lula e Frei Betto ficaram hospedados lá em casa. Antes de ir para o aniversário da revolução. E a gente organizou para o Lula o encontro com Fidel, em Manágua.

B.: Antes eu queria saber desse envolvimento do Hugo com os sandinistas.

Não foi do Hugo, individualmente e sim do centro como um todo. Porque na verdade a Costa Rica inteira estava envolvida com a luta dos sandinistas, porque havia um grande número de refugiados em São José. O Ernesto Cardenal estava lá. Todos os futuros ministros da Nicarágua estavam lá; o que foi o primeiro Ministro da Cultura, Sérgio Ramires, era escritor e conhecido, e todos esses caras estavam na Costa Rica. O

¹⁸ Oscar Romero, arcebispo de São Salvador, comparado a Martin Luther King na luta pelos direitos humanos em El Salvador. Assassinado por um atirador de elite do exército salvadorenho, enquanto celebrava missa, em 1980.

¹⁹ Padre austríaco, viveu um bom tempo em Cuernavaca, México, crítico da sociedade de consumo e da educação que se desenvolve nas escolas. Batalhador pela emancipação dos países da América Latina. Amigo de Paulo Freire. Escreveu, dentre outros, o livro "Uma sociedade sem escola". É dele a frase: "A escola parece estar destinada a ser a igreja universal de nossa cultura em decadência."

²⁰ Sacerdote católico, vinculado à Teologia da Libertação, participou ativamente da Frente Sandinista de Libertação, poeta, foi Ministro da Cultura do primeiro governo da Nicarágua, após a vitória das forças sandinistas. Seu irmão, Fernando Cardenal, também era sacerdote.

povo da Costa Rica ajudava. Você andava ali por fora de São José e topava com um monte de caixas de pinus, caixas muito bem feitas, caixas de armas vazias, claro. As armas chegavam pela Costa Rica e dali iam para os sandinistas. A gente começou a se envolver porque estava do lado deles. E o pessoal todo de esquerda também; a Costa Rica era um país democrático, nunca teve ditadura. Tanto assim que nem exército tem mais.

C.: Nem exército tem?

Não. Escola sim, para todo mundo. Então é um país bastante democrático.

B.: E o DEI tinha contato com todas essas lideranças?

Tinha, através da pastoral e desses cursos de três meses que o pessoal vinha, de tudo quanto é lado, fazer. Vinha gente do México, de todos os países do centro-americano. Vinham também da Colômbia, da Venezuela, até do Brasil; vinham para aprender coisas novas. E o pessoal levava uma boa bagagem porque o curso era desenvolvido em módulos e vinha gente legal para aprender e ministrar o curso em seu país. E esse foi um trabalho que continua até hoje: o DEI publicando artigos, publicando a revista deles, o jornal, livros, e gente sempre publicava. Então esse era o trabalho da gente ali e tinha um movimento internacional intenso. Sempre havia visitantes e o pessoal dali também sempre viajava para fazer palestras em outros países. O Hugo viajava para a Europa e para muitos outros países para fazer palestras. Era convidado.

B.: Quanto tempo demorou a revolução sandinista lá?

Ah! Os sandinistas ... Começou nos anos 1930 e vai até 1979. Sim, porque em 1980 foi o primeiro aniversário da vitória da revolução, em julho. Aí o Lula foi, o Fidel foi. Eu fui lá, para a praça.

C.: Como é que é esse contato com Cuba? É em função também do Centro?

Na verdade, esse contato começou com um movimento no Chile, de Allende: "Cristianos por el Socialismo", um movimento de padres, religiosos e leigos que lutavam, a partir da fé cristã, para transformar a América Latina em socialista. Fidel foi ao Chile, também apoiou esse movimento e havia padres, leigos e igrejas que ficaram sempre em contato com Cuba. Tem o seminário teológico lá, em Matanzas, então sempre estiveram lá metodistas, batistas, presbiterianos e outros cristãos.

B.: Matanzas fica em?

É em Cuba. Tem um seminário teológico lá, não lembro de que denominação.

C.: Mas e a revolução cubana permitia isso?

Sim eles sempre estiveram com Fidel por causa da opressão que existia antes. Só os bispos católicos foram mais resistentes. Os evangélicos... havia muita gente avançada, sempre com Fidel.

C.: Vocês foram várias vezes para Cuba também?

Eu fui uma vez. O Hugo foi várias vezes.

C.: E contato com o Fidel ele teve também?

Teve em Santiago do Chile quando Fidel foi para lá; houve um grande encontro de padres e pastores com Fidel; o grupo "Cristianos por el socialismo" encontrou-se com ele. E o Hugo foi convidado para ir para Cuba. Uma vez nós fomos convidados como família; eu fui com as crianças e fiquei lá uma semana, conhecendo a ilha.

B.: Mas quando o Hugo ia para lá era para fazer alguma atividade?

Também. Ele ia para fazer palestras.

B.: Nossa que vida interessante!

É muito. E apareciam brasileiros por lá, na Costa Rica. Houve também um grande encontro de direitos humanos em São José: Hélio Bicudo e algumas pessoas ligadas à defesa dos direitos humanos, advogados, apareceram por lá. Trouxemos o Hélio Bicudo para nossa casa. Fazíamos uma comidinha brasileira. O Paulo Freire esteve várias vezes lá em casa. Ele foi convidado pelos sandinistas e, inclusive, após a vitória, fez parte da campanha da alfabetização da Nicarágua. Ele que organizou tudo.

C.: Na Nicarágua?

É. Eu sei que ele e o Hugo trabalharam juntos lá. Foi um acontecimento de proporção enorme. A UNESCO participando.

B.: Você quer dar uma paradinha?

Não. É que é muita coisa. Foram sete anos de Costa Rica e nesses sete anos aconteceram muitas coisas.

B.: Que outros brasileiros foram para lá?

Brasileiros foram relativamente pouco na Costa Rica. Porque a Costa Rica é um país que ninguém conhece, não é? Até hoje é um país um tanto desconhecido. Os americanos conheciam mais a Costa Rica que os brasileiros. Nós fomos parar lá por causa das circunstâncias, mas na verdade havia muito pouco brasileiros lá. As crianças

nem aprenderam a falar português por causa disso, porque não tinham com quem falar. A não ser visitas esporádicas que vinham lá em casa.

C.: E vocês em casa falavam o que?

A gente falava mais espanhol mesmo porque a empregada falava espanhol.

C.: Alemão não?

Não. Não tinha com quem falar essa língua. Porque era tudo em espanhol, as crianças freqüentavam a escolinha em espanhol. Careimi foi alfabetizada em espanhol. Então quando eles vieram para cá, falavam só espanhol. Entendiam o português. A gente chegou ao Brasil em fevereiro e um mês depois iniciaram-se as aulas. A Careimi entrou na escola e teve que se integrar, se virou, a professora também foi muito legal, entendeu a situação e em meio ano ela estava integrada.

B.: E como era o Hugo na Universidade em Costa Rica?

Olha, ele era muito benquisto. Muito, muito respeitado. Tanto que na última vez que nós estivemos na Costa Rica fizeram uma homenagem especial para ele nas duas universidades, tanto na Nacional, em Heredia, como na Universidade da Costa Rica.

C.: Quando foi a última vez que vocês estiveram lá?

Já início de 1990. Inauguraram o mestrado e doutorado em Comunicação, na Universidade de Costa Rica, e ele foi convidado como palestrante; vieram muitos alunos antigos prestigiá-lo. Sei que a sala estava cheia; tinha muito mais de cem pessoas lá. Pessoal que trabalhava na televisão, com jornalismo, pessoas conhecidas. Foi muito legal. E também em julho de 1992, para a comemoração dos 15 anos da fundação do DEI.

C.: E o Hugo já tinha começado a intensificar a escrita e a publicação nesse período ou não?

Sim, sempre. Ele estava sempre publicando coisas.

C.: E a Trilateral?

“A trilateral. A nova fase do capitalismo mundial” foi nesse período. O livro foi publicado no Brasil depois, em 1986.

B.: Não existe um livro que o Hugo escreveu junto com o Teotônio dos Santos, sobre economia? Teotônio também estava exilado nesse período.

Teotônio? A Trilateral. Teotônio era exilado também. E era economista.

C.: O Hugo transitava na política, sociologia, psicologia, economia...?

Transitava. Na Economia, muito por causa do Franz Hinkelammert, que era economista e, ao mesmo tempo, cristão. Ele tinha também estado no seminário, mas depois se decidiu por economia, ao estudá-la na Universidade Livre de Berlin. Ele era economista, mas sempre vendo também a parte teológica. Ele e o Hugo escreveram juntos o livro *"A idolatria do mercado: um ensaio sobre economia e teologia"*, que, mais tarde foi publicado pela Vozes, no Brasil, em 1989.

B. Ele estava ali como exilado?

Não, ele dava aulas na Universidade de Honduras, mas transitava entre Berlin, Honduras, mas tinha a casa dele em Costa Rica. E colaborava também com o DEI, mas volta e meia passava um semestre na Universidade livre de Berlin. Ele sempre manteve contato com a Alemanha. Até pelos filhos que estavam na Alemanha, estudando; depois ele se casou com uma hondurenha e teve mais filhos.

B.: E quando que começa a aparecer a vontade de voltar para o Brasil?

Bom! Vontade sempre existiu. Aí em 1980, quando veio a anistia, o Hugo participou, como convidado, de um Congresso de teologia em São Paulo. A anistia já tinha saído e ele veio. Entrou pelo Rio de Janeiro. No Chile já não tinham renovado o passaporte brasileiro da gente. O meu não foi renovado. Eu tinha o alemão, por sorte. De brasileiro, de nenhum brasileiro que estivesse em Santiago naquela época era renovado o passaporte; e lá tinha refugiado brasileiro à beça. Então o meu não foi renovado. Eu não tinha nada com nada, mas não renovaram também. Mas como eu tinha o alemão em dia, então não havia problema e sai de Chile com meu passaporte alemão, regularmente.

C.: E ele tinha outro passaporte também, ou não?

O Hugo tinha um passaporte que eu não sei onde que ele arrumou. Mas em São José nós e as crianças fizemos passaporte; o Cônsul e o Embaixador eram democratas, era um pessoal mais decente e nos deram passaporte.

C.: Brasileiro?

É, brasileiro. Fomos lá para a embaixada e tudo funcionou direitinho e a gente saiu com um passaporte legal. Então quando o Hugo chegou em 1980 para esse Congresso de Teologia em São Paulo, que o Cardeal Arns e outros teólogos e cristãos organizaram, o Hugo chegou ao Rio de Janeiro, olharam o passaporte e perguntaram: –

“cadê seu visto de saída”. O Hugo falou: – “Não, não tenho”. Porque naquela época quem saía do país devia ter um visto de saída e ele não o tinha porque o passaporte foi feito lá. Aí eles entraram numa salinha, foram consultar um cadastro, demoraram, demoraram, fizeram algumas perguntas e colocaram um carimbinho no passaporte. Aí o Hugo chegou a São Paulo, no Congresso, mostrou o passaporte ao Greenhalg e ao Cardeal Arns. O advogado Greenhalg teve que esperar até o último dia, mas conseguiu a devolução do passaporte devidamente em ordem, para o Hugo poder retornar. Os caras o perturbaram muito, porque o passaporte dele não tinha o visto de saída. E nem podia ter, estava tantos anos fora, desde 1968.

B.: Ele vindo para esse encontro, já começou a ver alguma coisa?

Ele conheceu o Ely Eser²¹. O Ely Eser estava participando do Congresso de Teologia e o convidou para vir conhecer a Unimep e já o convidaram para vir para cá. O Hugo também estava tentando ir para Florianópolis e para Brasília. Uma ocasião, o Hugo encontrou um professor de Brasília, da Comunicação, e ele mandou seu currículo para lá. E, como demorou a resposta, ele entrou em contato com o professor. Este foi falar com o reitor, que era capitão de mar e guerra na época, um cara de direita. E o reitor só abriu a gaveta e disse: – “Oh! Aqui não vem”. Então veio essa proposta da UNIMEP e a gente aceitou, porque achamos melhor vir com as crianças naquela idade, pois já tínhamos visto problemas de exilados com filhos adolescentes; a transferência é mais difícil, muito complicado. Criam-se outros tipos de laços. E com as crianças, de sete e cinco anos, a coisa ainda era mais tranqüila. Então a gente veio para cá, em 1981.

B.: E você conhecia o Elias²²?

Não. O Hugo conhecia. Porque ele tinha vindo antes para conhecer. E para fazer uma palestra aqui.

B.: Eu me lembro disso. Quando o Hugo veio aqui foi interessante porque...

Isso foi no final de 1980. Ele veio fazer a palestra. Conheceu Santa Bárbara do Oeste.

B.: Ele pediu uma reunião com o pessoal da Adunimep. A Adunimep começou em 1979 e naquele tempo os dirigentes eram o Barjas Negri, o Renato Maluf, o Marco Antônio

²¹ Ely Eser Barreto Cesar, então, vice-reitor da UNIMEP.

²² Elias Boaventura, reitor da UNIMEP na época.

S. de Faria, eu. E nós fizemos uma reunião com o Hugo, eu não sei se foi na casa do Renato ou do Faria, ali perto do Restaurante Ponto 71. Perto do Objetivo. Eu vim de Rio Claro com o Fabiano para participar dessa reunião. O Hugo queria trocar as idéias com a ADUNIMEP para conhecer um pouco mais a UNIMEP.

E também já existia a questão do PT. Não era?

B.: Sim. Mas não tratamos da questão do PT na ocasião, pois o Barjas estava com a gente e ele nunca foi petista.

Não. Não era do PT ainda. Mas o PT já estava em formação.

B.: Ah! Sim.

Porque assim que nós chegamos em 1981, o Machado²³ veio conversar com o Hugo. O Lula veio conversar. Eles estavam formando o PT.

B.: Quanto tempo depois vocês chegaram? Primeiro veio o Hugo e depois?

Em fevereiro de 1981 a gente já estava em Piracicaba.

C.: Mais uma mudança Mel?

É, eu já estava meio acostumada a mudar. Porque eu sou de Porto Alegre, fui para o Rio e, depois, para a Alemanha, fui para o Chile e por aí fora. Então, sabe? Eu sou meio cigana mesmo. Sou assim meio internacional. Eu não sou bairrista de ficar num canto. Eu estava sempre disposta também a mudar.

B.: E o Hugo veio para cá no ano 1981?

Fevereiro de 1981. E ele começou logo a dar aulas.

B.: E logo de cara o Hugo já cria a editora ou foi depois?

Foi depois ... um ano e tanto depois ... a pedido do professor Elias.

C.: Eu não sabia dessa passagem.

É, começou a criar a editora da UNIMEP.

B.: Sei que um dos primeiros livros a ser editado foi a minha tese de doutorado, defendida em 1982, em convênio com as Paulinas.

É, foi. E antes disso tinha saído alguns livrinhos pequenos, como "Papo de Boteco"²⁴ e aquele outro livrinho do Parke Renshaw.

B.: Lembro-me. Eu já lecionava no Pós de educação. Ele era ligado à Reitoria?

²³ José Machado, ex-professor da UNIMEP, ex-deputado federal e ex-prefeito de Piracicaba.

²⁴ Livro de José Lima Junior, docente da UNIMEP, publicado em 1982.

Sim, era da pastoral também. Ele era pastor metodista, tinha formação universitária também. Ele era um cara legal. Ele falava bem o português.

B.: E como o Hugo se sentiu voltando para cá no contexto do surgimento do PT; ele, nesse momento, defendia idéias mais de esquerda, marxista?

Era sim, sim.

B.: Como é que ele sentiu isso?

Ele começou a ver a abertura real e a possibilidade de mudanças no país; ele sempre acreditou nisso; sempre acreditou na esquerda.

B.: Eu conversava muito com ele. Para ele a direção de Moscou ainda era uma referência para a esquerda. Ainda era um ponto para você comparar as coisas e ver o que era importante ser feito ou não.

Sim, sim. Sim e não.

C.: Você ia falar mais alguma coisa ...

É porque aos pouquinhos, claro, ele foi observando o que estava acontecendo, com a esquerda e tudo o mais. Começou a derrocada na Nicarágua. Viu o embargo dos americanos a Cuba. A maior burrice dos americanos até hoje foi esse tal de embargo. Porque se eles não tivessem feito isso, Fidel já teria caído há muitíssimo tempo. Evidente! Evidente! E saiu a Rússia de lá e a coisa deu no que deu ... Ele começou a ver a questão da satisfação dos desejos das pessoas e isso, naquela esquerda da Rússia, não existia, não podia existir e ele começou a perceber aquilo como um fato negativo dentro da rigidez de toda a esquerda. E aí, também, os exemplos começaram a aparecer. Depois da queda do muro isso ficou mais e mais evidente. E aí, então, ele foi se desiludindo com muitas coisas.

B.: Mel, sabe por que eu falo isso: é por que quando ele veio visitar a UNIMEP, antes de vir definitivamente, ele solicitou um encontro com a diretoria da Adunimep, para conhecer, sentir as coisas.

Sim, por que ele foi militante e criou uma associação de empregadas domésticas em Porto Alegre. Então era uma associação de classe, ajudar as pessoas, isso foi dentro de uma idéia de esquerda. Era uma vertente organizar as pessoas.

B.: Mas, por outro lado, ele, nos primeiros anos que estava por aqui, ele tinha uma certa dificuldade com a Adunimep. Ele não aceitava as atividades corporativistas da Adunimep, não é?

Não.

B.: Porque ele julgava, a partir de sua visão política, que a atuação da Adunimep se guiava pelas coisas imediatas e não numa perspectiva mais ampla de mudança social.

É fato que a Adunimep, principalmente quando pleiteava aumentos, a distância entre os salários mais altos e os mais baixos sempre aumentava. E isso era uma das coisas que ele não entendia. Ele achava injusto e não achava decente.

B.: E uma das grandes qualidades do Hugo era falar o que pensava.

Por isso ele sempre chocou muita gente. Achavam ruim que ele falasse as coisas que pensava, mas ele sempre foi assim de falar mesmo.

B.: Uma das grandes virtudes dele.

É porque eu acho que se ninguém fala, sempre fica encoberto. Então ele era uma pessoa que falava. E isso também foi um dos problemas dele com a Igreja

C.: Deixe-me perguntar. E a relação dele com a Igreja vai se esmaecendo?

É, depois. Acho que quando ele ainda estava no Uruguai, Dom Vicente Scherer já não deu mais as ordens para ele. Agora ele também nunca pediu seu afastamento da igreja. Ele morreu padre de verdade.

B.: Ah! Ele nunca pediu oficialmente seu afastamento do sacerdócio?!

Não, nunca pediu. Ele morreu padre. Isso o Beozzo²⁵ e antigos amigos dele, lá na missa de sétimo dia, mencionaram.

C.: De onde ele conhece o Beozzo?

O Beozzo e tantos outros, como o Edênio do Vale²⁶, ou foram alunos dele no IFT ou trabalharam com ele. Edênio trabalhava com ele naquela época e o conhecia. Várias pessoas que o conheciam, desde aquela época, falam que ele sempre foi contestador. Ele sempre falava as coisas que pensava.

C.: Mas, Mel frequentar a Igreja e os sacramentos, ele foi deixando.

Sim, ele nunca mais rezou missa, mas a gente sempre ia à missa.

B.: E comungavam também?

Sim. E ele sempre foi aceito por todos os bispos. Dom Oscar Romero, por exemplo, o conhecia, sabia quem ele era.

B.: Dom Romero chegou a ser cardeal?

²⁵ José Oscar Beozzo, sacerdote e um dos grandes teólogos e historiadores da Igreja Católica.

²⁶ Sacerdote, teólogo, Reitor da PUC-SP nos anos 1980.

Não. Foi Arcebispo de El Salvador, foi aquele que foi assassinado durante a missa, por que, na verdade, ele não era um homem de esquerda, mas era um homem que pensava pelos pobres. Ele simplesmente chocou os poderosos. Ele foi assassinado durante a missa. E um pouquinho antes disso ele foi lá ao DEI, em Costa Rica. Eu fui buscá-lo no aeroporto o levei para lá e para cá; ele foi falar aos alunos, fez uma palestra. Conheci-o pessoalmente, um homem que era uma jóia! Todos os bispos amigos foram assim. Esses bispos mais de esquerda sempre continuaram amigos dele. A gente conversava com eles Dom Helder Câmara foi amigo dele.

B.: Dom Morelli, também?

Sim. Sempre continuaram amigos dele e me aceitaram numa boa, nunca questionaram nada. Nunca tive problema nenhum. Agora é lógico que em Roma o Ratzinger, antes de ser papa, foi feroz com o Hugo. Ele é um crítico da teologia da libertação, então todo mundo que era da teologia da libertação para ele era o diabo. Isso para ele!

B.: Ele, o Cardeal Ratzinger, fez referências explicitamente ao Hugo?

Sim. Naquela época lá na década de 1980 surgiu de repente uma campanha contra a teologia da libertação. E o Ratzinger estava por trás disso. O Leonardo Boff também, naquela época em que foi chamado pela Secretaria da Doutrina da Fé, em Roma, ele foi inquirido pelo Ratzinger

C.: Não foi mais recente o caso do Boff?

Não foi naquela época nos anos 1980, quando houve aquela famosa campanha contra os teólogos da libertação. A notícia chegou a Piracicaba; todos os jornais queriam entrevistar o Hugo. Eram chamadas da manhã à noite na casa da gente, jornalistas querendo fazer entrevistas. E ainda saiu por aí que o Hugo tinha se convertido ao protestantismo, porque agora dava aulas na Universidade Metodista. E aí foi escrito para ele, o Ratzinger, que, por favor, respeitasse; aqui era uma universidade sim metodista, em que o Hugo ministrava aulas; não era uma faculdade teológica, católica. O Hugo sofreu muito, aquilo o deixou abalado.

B.: O Hugo conheceu o Leonardo Boff?

Claro. Eram muito amigos. Acho que eles já se conheciam há bastante tempo. O Leonardo era amigo da gente, veio à casa da gente, era amigão.

B.: Ele era franciscano?

Era franciscano. Ele veio aqui em Piracicaba na casa da gente. O Leonardo vai muito à Alemanha e a outros países fazer palestras. Há, por outro lado, Júlio de Santana, um teólogo metodista, que o Hugo conheceu em Montevideo, e trabalhou com ele no Conselho Mundial de Igreja, que teve que sair do Uruguai, depois do golpe.

B.: E o Hugo aqui nesse período, já começou a dar aula na Pós-graduação?

Ele começou logo. Ele dava aula inicialmente na Comunicação e logo depois o nosso amigo, o Sigríst²⁷, o convidou para trabalhar na Pós-Graduação em Educação. Ficaram logo amigos; eles já se conheciam de Roma. E se reencontraram aqui; então o Hugo logo começou a dar aula na Pós. E começou logo a orientar e co-orientar mestrandos e a participar de bancas de defesa.

C.: Mel, veja bem: vai cair o muro. Fica esse desencanto dele com o socialismo real e ele vai também deixando a esquerda. Uma coisa tem a ver com a outra? Como é que você vê isso?

Na verdade, veja você o último livro de sobre a curiosidade. E veja as coisas sobre pedagogia, os últimos livros dele. Ele se voltou, voltou nele toda a parte cristã, para dentro da educação. Você pode ver: desencantou mais da política e se voltou para outra coisa. Porque ele começou a ver as barbaridades que aconteceram por aí e isso o desencantou. Toda a questão da Nicarágua, uma luta que a gente participou, de coração e alma, e depois deu no que deu. Foi um horror! E é uma coisa estranha: o pessoal que começa como guerrilheiro, da primeira turma dos guerrilheiros colombianos – que começou com o padre Camilo Torres –, entre eles tinha um tal de Renê, eu não me lembro do sobrenome dele. Teve que fugir da Colômbia e ele foi parar lá em casa. Parava de tudo lá em casa. E o cara estava totalmente neurótico. Tomava uma garrafa inteira de pinga, ficava assim totalmente vidrado. Sei que enfim, as crianças eram pequenas, e o Hugo disse: -“Não dá para ter essa pessoa dentro de casa.” E a gente o encaminhou para outros lados. Isso na época do começo da guerrilha colombiana, que tinha um ideal, tinha uma razão de ser. Hoje não, hoje é tudo bandido. Não é? Realmente todos são bandidos. A gente viu já naquela época isso. O que se deu depois com guerrilheiros da Nicarágua? O pessoal fica psicologicamente condicionado a ser guerrilheiro, a ter arma na mão e, eles não conseguem mais viver normalmente. Isso na Nicarágua a gente viu que muitos

²⁷ José Luiz Sigríst, por muitos anos, coordenador da Pós-Graduação em Educação da UNIMEP.

daqueles que lutaram pela revolução viraram depois contra. Foram pagos pelos americanos e como eles não sabiam fazer outra coisa ... Sabe? Para eles... Esse pessoal que vive anos nessa vida, ele não consegue mais sair dali. É uma coisa triste de ver!

C.: Mel e o contato do Hugo com a família dele, pais, irmãos, isso manteve?

Sim, manteve. Manteve sim. Sim porque a família dele morava toda no oeste catarinense.

C.: Ah! Então não estavam mais no Rio Grande do Sul?

Não. Eles saíram, foram mais tarde para o oeste catarinense. O irmão dele mais velho casou, tinha família foi para lá e levou os pais também.

B.: Em que cidade?

Eles estão em Iporã do Oeste, perto de São Miguel do Oeste, lá de onde veio o Roque Strieder, lembra do Roque?

B.: Eu o encontrei agora, na Universidade de Passo Fundo.

É pertinho de Iporã. É uma cidade menorzinha. Na época quando nós íamos em 1981/ 82, nas férias, Iporã era uma rua praticamente com outras ruas laterais, não tinha asfalto, uma poeira só. Hoje está asfaltada. Cresceu bastante.

C.: É perto da Argentina, suponho?

Bem pertinho. Fica perto do rio Uruguai. Você vai para Itapiranga, que é um pouco mais para frente, e já é quase fronteira da Argentina. É bonita a região, ali vivia a mãe dele porque o pai faleceu enquanto ele estava no exílio. Nos anos setenta. E a mãe dele ainda era viva e nós fomos visitá-la.

B.: Tinha mais irmãos?

Tinha. Eram cinco, duas irmãs e três irmãos. O irmão mais velho, depois dessa visita em 1982, teve um enfarto, depois pegou um câncer e logo faleceu. O irmão mais novo está no Mato Grosso do Sul, hoje com a família toda. Está vivo ainda. E as duas irmãs já faleceram. Uma delas morreu muito jovem, com vinte anos. Extraiu um dente, tomou uma injeção e teve um choque anafilático. E a outra, cuja filha estava na missa do sétimo dia do Hugo; é a filha mais velha da irmã, que faleceu no oitavo parto.

B.: Ele tem um sobrinho, ou primo lá na UFSC, em Florianópolis?

Não é sobrinho. Os sobrinhos estão em Porto Alegre hoje. O de Florianópolis é o Silvino Assmann é um parente próximo. A gente o conheceu; ele é de Venâncio Aires,

mas se parece demais com o filho mais velho do irmão do Hugo, que está em Porto Alegre; é “cara de um, focinho do outro”.

B.: E o Silvino trabalhou no Vaticano.

É. Ele é muito legal. Uma cara brilhante.

B.: É até tradutor de pensadores italianos.... Mel, uma coisa que o Hugo gostava muito, depois que ele começou a escrever livros sobre a educação, era ir fazer conferências no Rio Grande do Sul; ele era muito convidado para isso.

Era. Ele ia muito nesses encontros de educação, de capacitação para educadores. Seminários grandes, gigantescos, com quinhentas, mil pessoas. A gente foi em Santa Rosa, Santo Ângelo, Soledade, e, em Santa Catarina também, foi em vários.

C.: Agora Mel, quando vocês vieram para cá certamente apareceram outros convites para vocês mudarem de novo, mas vocês quiseram ficar? Isso aconteceu?

Não. Aqui ele achou que ele estava bem. Ele estava gostando do que ele estava fazendo. E também a gente não queria mais mudar. E outra coisa: mudar para o sul, onde é muito frio, a gente também já não queria mais. Ele não gostava muito do frio. Estar de volta ao Brasil para ele estava muito bom.

C.: E como era a rotina dele? Ele estudava em casa, nos últimos tempos?

Sempre estava no computador. Muito, porque eu acho que foi um dos primeiros a ter computador em casa. Era tela preta, a letrinha branca, você ficava uma hora esperando entrar o sinal.

C.: E ele logo se encantou?

A primeira coisa era computador em casa. Nossa ele era, ele sempre era assim, antenado, as coisas novas ele tinha que saber.

B.: É, sobre a teoria crítica, por exemplo, sempre que saía alguma coisa na Alemanha ele vinha logo falar para a gente.

É porque como ele lia em vários idiomas para ele era fácil, não tinha problema. Para ele ler inglês, francês, italiano, alemão ou espanhol, para ele era a mesma coisa.

B.: Latim.

É, latim e grego também.

B.: Um pouco de hebraico.

É também. Naquela época a gente estudava diferente, no meu tempo de ginásio a gente saía preparado diferente.

B.: Oh! Mel como que é ser mulher de um cara assim?

Ah! Eu nunca me acanhei com isso, não. Não, porque você conseguindo acompanhá-lo, você não tem porque ficar acanhada; como eu sempre trabalhei junto com ele, eu sempre estava por dentro de tudo.

B.: Você o assessorava.

Eu assessorava em tudo. ... É, eu acho que se ele não tivesse me conhecido, ele não teria vivido tanto tempo.... Eu sempre trabalhei o tempo todo junto com ele.

C.: E agora um lado bem pessoal: como ele era em casa, era de consertar torneira, lâmpada?

Ele cozinhava, lavava louça, fazia de tudo também em casa. Se tivesse que cozinhar, ele cozinhava, gostava de cozinhar. Agora quando ele escrevia se encerrava lá no escritório e ficava lá. Ele sumia.

C.: Quando a gente ia em sua casa, ele gostava de mostrar as coisas.

Era. E depois era um adorador de livros. Era um vício até; não podia ir a uma livraria sem comprar algo. Nos primeiros tempos a gente ia a São Paulo para ele comprar livro. Porque não tinha livraria em Piracicaba.

B.: Eu me lembro de um fato: ele participou da minha banca de doutorado, ele o Rubem Alves, o Edênio do Vale, o Severino. O Sigrist era meu orientador. E aí ele leu minha tese e me chamou lá na sua casa, antes da defesa. E, depois de um belo almoço, me fez uma série de objeções, que, depois, me ajudaram muito na defesa.

Ele sempre foi muito crítico, inclusive, às vezes, ele era durão demais. Ele chocava, ele adorava chocar.

B.: Quando eu voltei para a UNIMEP, cá nós demos aula juntos, para uma turma de 15 doutorandos. Éramos cinco professores. A classe ficou rachada, metade apoiando o Hugo e a outra metade a nosso favor. Nessa época a gente não estava concordando com algumas idéias do Hugo; ele estava estudando Maturana e também Morin, o teórico da complexidade.

E que hoje estão na crista da onda, aí. Ele sempre foi aquele que abria caminhos. Ele tinha um bom faro pelas novidades. Ele percebia que era por ali que se devia ir e ia. Ele era meio profeta nessas coisas.

C.: Não se acomodava.

Não, nunca, até a última hora ele não se acomodou.

C.: E a relação com os orientandos?

Ele era duro. Dava um duro danado, mas sempre foi benquisto. Era o jeito dele. Era uma personalidade forte, muito inteligente, brilhante, porque tudo ele captava no ar. E não tinha quem o contestasse, não, porque ele pesquisava as coisas, lia muito, ele estava sempre lendo.

B.: E os livros do Hugo foram traduzidos para diversas línguas?

Sim, os dois últimos livros sobre educação foram traduzidos para o espanhol. Os livros vinculados à Teologia da Libertação foram traduzidos para diversas línguas: espanhol, italiano, inglês, alemão

C.: E havia algum livro em especial que ele gostava?

Desse, sobre a curiosidade ele gostou muito, foi o último e todo mundo que lê, gosta. Aqueles sobre a educação ele gostava muito, porque, no fim, sua frustração com a política e a economia o fez voltar mais para a educação. “- Não, eu vou me encontrar na educação”, dizia. E aí ele começou a falar sobre re-encantar a educação e isso foi o que o levou a tantas palestras no Sul; porque existiam aquelas coisas dos sindicatos, todo mundo pessimista. E ele disse: “- Não, tem que levantar, tem que achar a beleza das coisas”!